



Relatório Final Projeto Bystanders

Maria José Magalhães e Cátia Pontedeira

2018

BYSTANDERS project was funded by the European Union's Rights, Equality and Citizenship Programme (2014-2020). The contents of this report are the sole responsibility of Team of the Bystanders' Project and can in no way be taken to reflect the views of the European Commission.



Índice

<i>Introdução</i>	3
<i>1. Objetivos principais do projeto</i>	3
<i>2. Descrição do projeto e das atividades implementadas</i>	4
<i>3. Resultados-Chave do projeto Bystanders</i>	5
<i>4. Impacto nos grupos-alvo e sustentabilidade do projeto</i>	9
<i>5. Valor Acrescido do Projeto, numa dimensão europeia</i>	12
<i>6. Disseminação e mainstreaming da igualdade de género</i>	13
<i>7. Procedimentos éticos</i>	17
<i>8. Avaliação</i>	18
<i>Conclusões e recomendações</i>	21
<i>Referências:</i>	23



Introdução

O assédio sexual (AS) tem sido denunciado como a forma mais prevalente de violência contra mulheres e meninas (FRA 2014) e reconhecido como uma forma de sexismo violento e misoginia para adolescentes generalizadamente tolerada, provocando danos desenvolvimentais físicos, psicológicos, sexuais e sociais. Além disso, o AS é, também, reconhecido como uma importante forma de VAWG pela Convenção de Istambul (2014).

O Projeto “Bystanders: desenvolvendo respostas ao assédio sexual por parte de jovens espetadores/as” foi desenvolvido para trabalhar com jovens a fim de produzir mudanças sociais nessa cultura de tolerância à violência contra mulheres e meninas (VAWG), em quatro países – Portugal, Malta, Reino Unido e Eslovénia.

Neste relatório, apresentam-se as principais atividades e resultados do Projeto, bem como uma reflexão sobre o que foi e pode ser efetivo na mudança dos fundamentos culturais da VAWG. Em primeiro lugar, apresentamos os principais objetivos do projeto com uma breve descrição das atividades implementadas. A seguir, descrevemos os principais resultados alcançados pelo trabalho das equipas dos quatro países. Em terceiro lugar, apresentamos o impacto de longo prazo nos grupos que participaram no Projeto.

1. Objetivos principais do projeto

Os principais objetivos do projeto “Bystanders: desenvolvendo respostas ao assédio sexual com jovens espetadores/as” foram:

- aumentar o conhecimento e a conscientização acerca do AS em estudantes, docentes e outras/os profissionais das escolas;
- desenvolver, pilotar e ministrar um programa de formação para alunos/as e outras/os profissionais das escolas, para que possam intervir em situações de AS;
- aumentar a motivação dos espectadores para interromper e para o AS nas escolas secundárias;
- desenvolver um manual e materiais adaptados a cada país;
- desenvolver políticas e protocolos escolares sobre AS;



- comparar a implementação e eficácia do programa nos quatro países.

2. Descrição do projeto e das atividades implementadas

Todas as atividades previstas foram implementadas nos quatro países. Muitas delas foram cruciais para a obtenção dos resultados que se apresentam neste relatório.

As atividades de levantamento das abordagens atuais ao AS foram cruciais como base para a criação de um programa de formação com jovens nas escolas. Essas atividades foram: a) Revisão bibliográfica das abordagens dos espectadores; b) Pesquisa de antecedentes sobre política e prática em cada país; c) Realização de dois grupos de discussão focalizada para explorar as visões e ações das/os jovens sobre AS; d) Reuniões da equipa para refletir sobre os resultados; e) Desenvolvimento dos projetos de programas de formação.

Todas foram realizadas, e os conhecimentos produzidos foram utilizados para as atividades que a seguir enunciamos.

Em primeiro lugar, foram implementadas todas as atividades previstas para a pilotagem do programa de formação, tais como: a) Reuniões de equipa para finalizar os esboços de programas; b) Pilotagem dos programas de formação com alunas/os e profissionais da escola; c) reunião da equipa para discutir os resultados dos pilotos; e d) Adaptar os programas para implementação.

Essas atividades foram cruciais para ter informações para adaptar o Programa aos sistemas educacionais dos quatro países. Como os quatro países do Project Bystanders são diversos, e a metodologia de intervenção é baseada na pedagogia participativa e ativa, estamos confiantes de que o Programa de *Speak Up / Speak Out* final pode ser usado em vários países europeus.

Foram igualmente implementadas todas as atividades previstas necessárias para a implementação do programa final elaborado (*Speak Up / Speak Out*) tanto com jovens como com as/os profissionais das escola, tais como: a) Realização de trabalhos preparatórios com o pessoal; b) Implementar o Programa em duas turmas em cada escola; c) Auxiliar alunas/os, docentes e outras/os profissionais no desenvolvimento de políticas escolares de prevenção do AS; d) Avaliar a implementação após três meses (sessões de acompanhamento); e) Reuniões da equipa para debater os resultados; e f) Revisão dos materiais do Programa *Speak Up / Speak Out*.

Reflexão e divulgação constituiu um título de um conjunto de atividades previstas que foram todas implementadas: a) Criação de um site e uma página no facebook; b) produção de um vídeo e respetivo upload on-line; c) Escrita de artigos sobre a implementação; d) Reuniões da equipa para debater os resultados e desenvolver uma análise comparativa; e) Escrita de um artigo



comparativo; e e) Apresentação dos resultados em seminários nacionais nos quatro países.

3. Resultados-Chave do projeto Bystanders

A seguir, descrevemos os principais resultados da intervenção do Projeto nos quatro países, equacionando eixos relevantes para produzir mudança cultural e social.

5

Crescente conhecimento e motivação para parar e prevenir o assédio sexual (AS) nas escolas

Um dos principais resultados dos observadores do projeto é o crescente conhecimento e motivação para parar e prevenir o assédio sexual (AS) nas escolas.

O objetivo principal deste projeto era aumentar o conhecimento sobre a AS e a motivação das/os espectadoras para impedir e prevenir o assédio sexual nas escolas. Este foi um resultado significativo do Projeto nos quatro países. O aumento da conscientização e conhecimento sobre o AS e como evitá-lo nas escolas também foi consideravelmente alcançado. Em todos os países, houve um avanço substancial na consciência e na mudança de atitudes de meninos e meninas jovens. Esses avanços foram mais consideráveis para os países que não estavam tão envolvidos em debater o assédio sexual nas escolas. Este Projeto trouxe a questão da prevenção do assédio sexual para o debate público e político em alguns países. Essa chamada específica para projetos sobre assédio sexual foi uma contribuição essencial para a abertura das pessoas para falar sobre uma das formas mais prevalentes e normalizadas de VAWG. Em todos os países envolvidos houve avanços políticos e sociais (particularmente com as/os jovens) no reconhecimento e identificação do AS e na mudança para tornar o AS inaceitável em nossa sociedade.

O segundo resultado chave do Projeto é o Programa de Speak Up / Speak Out

O desenho e a criação de um Programa de Formação para intervir nas escolas, o Programa Speak Up / Speak Out¹, traduzido em três línguas² e adaptado aos quatro países, é outro resultado fundamental. O Programa *Speak Up / Speak Out* foi criado com as contribuições de todos os parceiros e parceiros associados do Projeto, com base na Revisão de Literatura, nas pesquisas dos

¹ Ver documento em <http://www.bystanders.eu/bystanders-programme/>; também pode ser encontrado em: https://www.fpce.up.pt/love_fear_power/bystanders/publications.html

² Para Malta, a equipa da Universidade de Malta considerou não necessário traduzir para maltês já que a língua inglesa é a língua corrente no país.



contextos de cada país e nos resultados dos grupos de discussão focalizada realizados com jovens e profissionais das escolas. Isso foi considerado pela equipa um marco importante porque influenciaria as atividades seguintes do Projeto. Para a elaboração do Programa, todos os Parceiros reuniram-se no Porto (FPCEUP, Portugal), para que o debate pudesse ser mais produtivo. Neste

encontro, ideias e atividades foram debatidas através da técnica de *brainstorming*, tendo sido elaborado o esboço do Programa.

Apesar das dificuldades adicionais que alguns países encontraram para entrar nas escolas, foi possível desenvolver o Projeto nos quatro países de forma semelhante. A implementação de um projeto europeu em quatro países com os mesmos objetivos, tarefas e prazos foi uma conquista. A mesma metodologia e resultados só foram possíveis de concretizar devido a responsabilidades compartilhadas antecipadas e acordadas desde o início do Projeto. Essa distribuição de responsabilidades entre os diferentes Parceiros e o compartilhamento de todas as atividades do Projeto aumentaram a conscientização das equipas e as capacitaram a participar igualmente desde o início até o fim.

Em relação à metodologia do Programa de Speak Up / Speak Out, é importante destacar as suas características inovadoras. Primeiro, foi um Programa criado a partir das reais necessidades e ideias dos jovens e profissionais das escolas, recolhidas através de grupos de discussão focalizada nos diferentes países. Isso foi importante para entender não apenas os seus conhecimentos e representações sociais sobre AS, mas também contradições internas nas representações da juventude. Esse entendimento permitiu-nos incluir esses “tópicos de rutura” nos recursos didáticos do Programa para melhor proporcional a mudança cultural e social.

Em segundo lugar, este programa usa uma metodologia participativa e ativa, o que significa que as/os participantes participam ativamente do processo, contribuindo para suas próprias mudanças e do coletivo (da turma). Uma metodologia ativa implica que as/os alunas/os precisam se posicionar na situação e decidir o que pensam sobre um tópico. Significa antecipar o que eles/as fazem quando enfrentam uma situação de AS como um/a espectador/a. Neste sentido, essa metodologia ativa foi considerada relevante, porque elas/es dão sentido ao que aprendem nas sessões e isso contribui para a disposição de mudar (como as/os alunos/as escreveram após a implementação do Projeto). A metodologia ativa também possibilitou a desconstrução de algumas normas patriarcais de tolerância à violência contra as mulheres, incluindo a desconstrução da normalização do assédio, e a construção de uma nova cultura. Esta abordagem ativa, que também pode ser considerada uma metodologia pedagógica de aprendizagem de longo prazo, contradiz as abordagens padrão de transmissão unilateral de conhecimento. O envolvimento das/os



participantes facilitou o processo de mudança de comportamentos e atitudes, uma vez que aprender algo novo e significativo por meio dessas experiências permite uma ação mais imediata na vida real. Essa mudança é reconhecida por ser muito mais permanente e duradoura do que as criadas pela simples transmissão de conhecimento.

Manual pedagógico e materiais didáticos

O terceiro resultado chave é o manual de formação e materiais pedagógicas que podem ser adaptados para países europeus e no exterior:

A equipa internacional realizou a produção do Manual e recursos didáticos, incluindo ferramentas de avaliação, como pré e pós-questionários quer das sessões quer de acompanhamento, adaptadas aos quatro países, que estão disponíveis online para uso posterior. Foram criadas algumas atividades pedagógicas inovadoras, por exemplo, o uso de mapas conceituais para reunir as ideias das/os jovens e discuti-los posteriormente (com elas/es e com a equipa). Role-play e outras atividades têm sido utilizados em diversos programas pedagógicos, mas os mapas conceituais constituem uma ideia inovadora neste campo.

Foi possível criar materiais notáveis e inovadores sobre o assédio sexual e a intervenção dos espectadores que podem ser facilmente divulgados através dos meios de comunicação, por exemplo, um vídeo de animação que pode ser usado em sessões em escolas com jovens.

Impacto político do Projeto Bystanders

O quarto resultado chave é o impacto político do Projeto Bystanders:

O Projeto teve um grande impacto político porque teve uma intensa disseminação através dos *Média*, através de sites e até mesmo através de outras formas dos *meios de comunicação social* (como jornais e televisão). Por isso, o Projeto trouxe a prevenção do assédio sexual para o debate público e político em alguns países.

O impacto político e a importância do Projeto também se destacaram com a participação de várias/os decisoras/es e representantes nacionais e municipais nas atividades. O Ministro da Educação em Malta participou na Conferência Nacional de Malta e a Secretária de Estado da Cidadania e Igualdade de Portugal também participou na Conferência Internacional sobre Violência Sexual e Assédio Sexual, organizada em outubro de 2018, em Portugal³.

³ Mais informações, ver https://www.fpce.up.pt/love_fear_power/bystanders/seminario.html ; ver ainda



O Programa *Speak Up / Speak Out* também se constituiu como produção de conhecimento com a publicação e divulgação do Manual com os respetivos recursos didáticos, com a promoção de diversas conferências nacionais e internacionais e com participação em outros eventos. Comunicações orais sobre os resultados foram apresentadas em seminários, conferências e redes (incluindo países e cidades fora do domínio do Projeto). Este trabalho também possibilitou um **8** maior debate público e político nos quatro países.

Em relação às políticas educacionais locais, em alguns países, o Projeto conseguiu um compromisso dos Conselhos Diretivos das Escolas e autoridades locais para implementar políticas de prevenção da violência de gênero e AS nas escolas.

Análise comparativa da implementação e eficácia do Programa Speak up/Speak out

O quinto resultado chave do projeto consiste na análise comparativa da implementação e eficácia do programa nos quatro países.

A equipa realizou uma análise comparativa do trabalho do Projeto que pode ser encontrado em ambos os sites⁴. Levando em consideração que a comparabilidade entre atividades de intervenção em contextos de diferentes países é limitada, a equipa internacional produziu uma análise comparativa sobre a implementação nos quatro países, o que é um resultado chave para futuras pesquisas e intervenções com jovens e profissionais da educação na prevenção do AS nas escolas. Apesar da diversidade do contexto escolar entre os quatro países, o Projeto Bystanders também teve uma grande conquista ao lidar com diferentes calendários: os horários e ritmos das escolas e o cronograma do Projeto. A implementação nas escolas ocupou a maior parte do projeto, e essas instituições têm calendários escolares específicos (que são diferentes de país para país). Os anos escolares têm ritmos específicos e existem horários em que não é possível intervir devido às características das escolas como instituições (por exemplo, durante os períodos de avaliação). Isto foi um constrangimento à nossa intervenção porque, quando o Programa piloto estava pronto para implementação, as escolas estavam em férias. No entanto, a equipa conseguiu cumprir todas as atividades propostas nas escolas.

<http://www.bystanders.eu/activities/>

⁴ Ver: <http://www.bystanders.eu/comparative-paper/>; e também https://www.fpce.up.pt/love_fear_power/bystanders/publications.html



Os espectadores do projeto contribuíram notavelmente para motivar jovens e adultos/as a agirem na situação de espectadores, junto com o aumento do conhecimento sobre AS e suas consequências, e contribuíram para a discussão política e pública sobre AS, bem como para produção de conhecimento nesta área entre juventude.

Como o objetivo principal deste Projeto era aumentar a motivação dos espectadores para impedir e prevenir o assédio sexual nas escolas, essa foi uma conquista significativa no projeto em todos os países. O aumento da conscientização e conhecimento sobre AS e como evitá-lo nas escolas também foi muito evidente. Em todos os países, houve um avanço substancial na conscientização e perspectivas de mulheres jovens e homens jovens. Esses avanços foram maiores nos países onde houve um debate limitado sobre o assédio sexual nas escolas. Este projeto trouxe prevenção de assédio sexual ao público e debate político em alguns países. Essa chamada específica para projetos sobre assédio sexual foi uma contribuição essencial para a abertura para falar sobre uma das formas mais prevalentes e normalizadas de violência baseada em gênero. Em todos os países envolvidos houve avanços políticos e sociais (particularmente com as/os jovens) em tornar o assédio menos socialmente aceitável.

Apesar de alguns países terem mais dificuldades em entrar nas escolas do que outros, foi possível desenvolver o projeto em todos os quatro países. A implementação de um projeto europeu em quatro países com os mesmos objetivos, tarefas e prazos foi uma conquista. Esta mesma metodologia e resultados só foram possíveis de concretizar devido a responsabilidades compartilhadas entre as equipas do país. Essa distribuição de responsabilidades e o compartilhamento de todas as atividades do projeto aumentaram a conscientização de todos em todo o projeto e capacitaram as equipas a participarem igualmente de todas as partes.

A intervenção *Speak Up / Speak Out* foi criada com as contribuições de todos os parceiros e parceiros associados do Projeto, com base na Revisão de Literatura, documentos de contexto nacional e grupos focais feitos com jovens e funcionários em todos os países. O desenvolvimento da intervenção foi explorado por todos os Parceiros numa reunião no Porto (FPCEUP, Portugal), para que todos pudessem pensar juntos sobre quais exercícios e abordagens funcionariam no seu contexto nacional. Um esboço da intervenção foi acordado nesta reunião, que foi trabalhada em um manual por um dos parceiros.

O Programa *Speak Up / Speak Out* foi inovador de várias maneiras. Em primeiro lugar, foi criado



com base nas necessidades e perspetivas dos jovens e do pessoal, conforme articulado nos grupos focais - uma forma de coprodução. Nós trabalhamos não apenas com a forma como o AS era entendido, mas também as confusões e contradições que os grupos de foco iluminavam: incluímos esses tópicos de rutura nos materiais do programa.

Em segundo lugar, a intervenção utilizou uma metodologia participativa e ativa, o que significa que 10 os participantes puderam se encarregar do processo de criação de mudanças em suas próprias escolas. Uma metodologia ativa exige que os alunos se posicionem na situação e decidam o que pensam e estão dispostos a fazer em relação a um tópico. Isto é o que eles fazem quando se deparam com uma situação de SH como espectador. Eles também foram solicitados a entender o que aprenderam nas sessões, que vários estudantes consideraram como empoderamento, e reforçando seu interesse pela mudança. A metodologia também os convidou a desconstruir normas de gênero que toleram e normalizam a violência contra as mulheres e imaginam criar uma cultura diferente. Esta abordagem ativa que também pode ser considerada uma metodologia pedagógica de aprendizagem de longo prazo, em contraste com abordagens padrão de transmissão de conhecimento. O envolvimento dos participantes na criação de novas aprendizagens que façam sentido para eles e para os seus pares, mudanças a longo prazo nas atitudes e comportamentos são mais prováveis e sustentáveis.

Em terceiro lugar, foram criadas atividades pedagógicas inovadoras, por exemplo, o uso de mapas conceituais para reunir as ideias das/os jovens e discuti-las posteriormente (com elas/es e com a equipa). Role-play e outras atividades são mais usadas, mas mapas conceituais são uma abordagem inovadora usada neste projeto.

Finalmente, foi possível criar materiais notáveis, inovadores e testados sobre o assédio sexual e a intervenção ativa de espectadores que podem ser divulgados facilmente.

Com os questionários pré e pós e feedback durante as sessões, foi possível entender que todos os países tiveram resultados positivos em relação aos objetivos. Esses resultados positivos foram mais óbvios quando os jovens, após as sessões, falaram em se tornar espectadores ativos como resultado do que aprenderam no projeto. As mudanças não foram tão evidentes com as mudanças de pessoal que não foram tão significativas, mas o foco principal do projeto eram os jovens. Algumas das equipas também descobriram que as/os professoras/es tinham (têm) horários e condições de trabalho muito sobrecarregados e pouco recursos, e isso influencia a forma como elas/es abordam novos projetos e atividades. Muitos dos grupos de estudantes tinham ideias fortes para as políticas da escola e mudanças nas respostas, muito mais poderia ter sido feito sobre



isso se os professores e a equipa tivessem sido igualmente motivados. Apesar disso, em todos os países, o AS foi colocada nas agendas escolares através de várias atividades após a intervenção, e algumas começaram a explorar o desenvolvimento de novas políticas.

Houve vários desafios em relação à calendarização das ações, diferentes durações de tempo das aulas nas escolas, nos diferentes países, dificultaram a articulação da intervenção num cronograma comum do Projeto. A estrutura exigia a implementação nas escolas, e os calendários dos semestres/trimestres e feriados para o ano escolar variam de país para país, mais do que prevíamos no início do Projeto. Além disso, trabalhar com estudantes em tempos de exames significa que há ritmos e horários adicionais que tivemos que articular nas sessões de intervenção. Um atraso específico foi que o programa piloto foi finalizado antes das férias escolares de verão. No entanto, o piloto e a implementação em três escolas foram concluídos por todas as equipas. O Programa *Speak Up / Speak Out* constitui-se como um produto de conhecimento no campo educativo, através de um Manual pedagógico e respetivos materiais didáticos, conhecimento esse divulgado em diversos eventos científicos e pedagógicos, tanto a nível nacional de cada país, como internacional. O impacto político, nos quatro países, quer as redes sociais quer a comunicação social (como já foi referido) constituem alguma garantia da sustentabilidade do Projeto⁵.

Em relação à sustentabilidade do programa, é relevante mencionar que este Programa *Speak Up / Speak Out* pode ser usado por qualquer país, e o manual revisado estará disponível em acesso aberto no site do Projeto. O respetivo público internacional está assegurado desde que foi criado e testado, através das realidades de quatro países diferentes. Ferramentas didáticas e pedagógicas foram criadas especificamente para que possam ser adaptadas em diferentes linguagens, e os recursos são oferecidos em formatos que requerem adaptação mínima. Embora uma das conclusões seja que o programa seria mais eficaz se fosse dado mais tempo para trabalhar com funcionários e alunos, havia um impacto em usá-lo com o número original de sessões. A qualidade da intervenção global e seus materiais pode ser vista no interesse de académicos, profissionais e pesquisadores de outros países para implementá-lo. As equipas receberam várias propostas para replicar o programa em outros países e iniciaram essa cooperação em algumas delas: por exemplo, o Programa *Speak Up / Speak Out* está a ser implementado atualmente no Brasil. É importante ressaltar que havia interesse em todas as escolas por mais sessões e mais

⁵ <http://www.bystanders.eu/news-and-dissemination/>



atividades. Ficou claro que o projeto foi uma contribuição significativa para as escolas. Jovens e profissionais, na maioria dos países, participaram de Conferências Nacionais, o que mostra seu investimento neste Projeto.

Após o período de financiamento, a equipa continuou a se reunir através do Skype porque o plano pós-projeto inclui contato contínuo para explorar novas ideias e debates que possam surgir em cada país. Todos os representantes e funcionários das equipas dos diferentes países estão engajados neste tópico e motivados a continuar trabalhando contra o assédio sexual. Especificamente, em Portugal, os parceiros procurarão novos fundos para estender a intervenção a outras escolas interessadas em participar no Programa Speak Up / Speak Out. Na Inglaterra existe uma rede de professores e formadores, através da rede do Feminismo nas Escolas que estão interessados em usar os materiais em outras escolas e o parceiro do projeto continuará a oferecer a intervenção na sua prevenção no trabalho das escolas.

Para concluir, este Projeto contribuiu para a discussão política e pública sobre o assédio sexual, produziu novos conhecimentos sobre o assédio sexual nas escolas, criou um modelo de intervenção viável que pode motivar jovens e adultos/os a se tornarem espectadores/as ativos/as.

5. Valor Acrescido do Projeto, numa dimensão europeia

Até onde a equipa internacional Bystanders sabe, antes do início do Projeto Bystanders, não havia outros programas (de prevenção do AS) voltados para estudantes do ensino secundário, o que significa que o programa Speak Up / Speak Out Training é um valor acrescentado para a intervenção dos países europeus na prevenção do AS com jovens com base numa abordagem escolar integrada (*whole school approach – WSA*) e uma pedagogia participativa e ativa. A WSA foi uma metodologia eficaz para debater esses tópicos com todos os atores educacionais. É importante focar a prevenção nos alunos, mas não esquecendo que eles estão envolvidos em diferentes ambientes que podem transmitir mensagens contraditórias. É, portanto, fundamental para os programas de prevenção, especialmente os que combatem a violência contra mulheres e crianças, que incluam não apenas estudantes, mas também professores/as, profissionais das escolas, pais e outros membros das comunidades educativas.

A pesquisa inicial com os grupos de discussão focalizada (GDF) foi de extrema importância para entender as representações sociais dos/as alunos/as sobre o AS e constitui-se como valor acrescentado europeu para a compreensão da(s) forma(s) como a juventude entende o AS e pode



ter uma atitude proativa e preventiva em relação a esta forma de VAWG. A análise dos GDF revelou não apenas contradições internas nas perceções das/os jovens, mas também aspetos específicos nos quais educadoras/es e ativistas ao nível europeu se podem concentrar para promover uma mudança mais efetiva em relação ao AS. Em nossa opinião, este é também outro valor acrescentado com dimensão europeia, devido ao facto de a metodologia de investigação **13** qualitativa ter sido aplicada em quatro países europeus com alunos/as do ensino secundário. Tanto quanto sabemos, não há pesquisa qualitativa europeia sobre representações sociais de estudantes do ensino secundário sobre AS.

O processo de avaliação da equipa internacional ao longo da implementação, nomeadamente os pré e pós-questionários com alunas/os, professores/as e outras/os profissionais, bem como as sessões de acompanhamento desenhadas, constitui-se também como um valor acrescentado para outros países europeus pois podem ser utilizados na avaliação de programas de intervenção e no combate e prevenção do AS, mas também noutros programas de intervenção em escolas, fazendo as devidas adaptações.

Salientamos também como valor acrescentado de dimensão europeia a estratégia de disseminação dos espectadores, estratégia esta muito importante para a contribuição do Projeto para o debate público e a sensibilização de vários públicos para a prevenção do AS. A estratégia combinou conferências internacionais e nacionais com a participação de decisores políticos (Portugal e Malta) e redes educativas de prevenção da VBG contra mulheres (Reino Unido) com redes sociais (facebook e websites), bem como as ligações com jornalistas e profissionais de televisão e outras formas de comunicação social. Esta tripla estratégia foi muito eficaz para o impacto político do projeto.

6. Disseminação e mainstreaming da igualdade de género

Nesta secção, descrevemos a estratégia de disseminação e as respetivas atividades e produtos, bem como a igualdade de género foi desenvolvida como questão principal no Projeto.

A estratégia de divulgação Bystanders, já referida no ponto anterior, combinou conferências internacionais e nacionais com a participação de decisores políticos (Portugal e Malta) e redes educativas sobre prevenção da VBG contra mulheres (Reino Unido) com redes sociais (facebook e websites), bem como ligações com jornalistas e televisão e media profissionais.

Os grupos-alvo de atividades de divulgação foram os seguintes, sempre com a menção explícita do financiamento da CE: a) estudantes do ensino secundário; b) professores/as e outros/as



profissionais; c) decisores/as políticos; d) estudantes universitários; e) profissionais académicos / pesquisadores/as; f) públicos estratégicos e g) público em geral.

- a) Alunas/os do ensino secundário participaram em atividades de divulgação dos Projeto, na medida em que o Programa Speak Up / Speak Out prevê a organização das atividades **14** escolares pelas turmas do grupo que participam da implementação do Programa com o apoio dos professores/as; Essas atividades foram organizadas para toda a população escolar e mostraram-se uma estratégia muito eficaz, tanto para garantir a participação ativa dos alunos envolvidos como para alcançar outros alunos e outros professores. Nos Seminários Internacionais e Nacionais, recebemos um feedback muito positivo sobre esse método.
- b) Professores/as e outros profissionais da educação e do trabalho social também foram alvos tanto nas atividades escolares organizadas pelas parcerias aluno-professor como nos seminários públicos do Projeto. Por exemplo, no PT, acontece um seminário municipal em uma das cidades onde o Projeto foi implementado e um Seminário Internacional; nos outros países, MT, UK e SL, seminários nacionais também têm esses profissionais na plateia. Nomeadamente, Seminário “Gaia para a Prevenção do Assédio e Violência de Género (20 de Setembro de 2018), Seminário do Projeto Capacite, em Braga (19 de Outubro de 2018), Seminário Capacite o Projeto Porto - violência de género no Porto (17 de Outubro de 2018);
- c) Os/as decisores/as políticos foram também envolvidos/as e informados/as sobre o Projeto, tanto em reuniões restritas com a equipa do Projeto como no Seminário Internacional e Nacional, por exemplo, o Ministério da Educação de Malta e o Secretário de Estado da Cidadania e Igualdade de Género de Portugal. Ambos pediram o Relatório Final e outros documentos públicos relevantes produzidos pelo Projeto, incluindo o Programa de Speak Up / Speak Out, que será enviado.
- d) Os estudantes universitários também foram alvos na medida em que em todos os países as aulas universitárias foram ensinadas sobre os espectadores do projeto, como segue:
 - a. Uma aula de 3 horas em Mestrado em Ciências da Educação na FPCEUP - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, UP, PT;
 - b. Uma aula de 3 horas no Mestrado em Criminologia, ISMAI, Instituto Universitário da Maia, PT;
 - c. Sim palestra de uma hora sobre a prevenção da violência sexual no nosso programa MA Mulher e Abuso Infantil, Reino Unido;



- d. Aula de uma hora, incluindo a discussão dos mapas conceituais em nosso módulo Research Research Violence and Evaluating Interventions, no Reino Unido;
- e. Discutido como parte de palestras para módulos de graduação sobre: Violência contra a mulher; e 'Gênero' na educação inclusiva, MT;
- f. uma hora num seminário de mestrado sobre nacionalismo, racismo e política de 15 género no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade de Ljubljana, Ljubljana, SL

Além disso, a equipa do PT participou num evento mais alargado (denominado Mostra de UP para todas as Faculdades) da Universidade do Porto com Teatro Fórum, alcançando um público universitário mais vasto (ver por exemplo uma breve descrição da atividade https://www.fpce.up.pt/love_fear_power/bystanders/news.html).

- e) Profissionais académicos, nomeadamente investigadoras/es, foram também contactaram com o trabalho da nossa equipa quando foram apresentados trabalhos em eventos científicos, como a 19ª Conferência WAVE, em Budapeste (30 de outubro de 2017), Congresso Internacional de Psiquiatria e Psicologia da Justiça (SPPPJ), Porto 2017), VIII Congresso Internacional de Psiquiatria e Psicologia da Justiça, no Porto (2 e 3 de novembro de 2017), 2018 Conferência Anual da Rede Europeia sobre Género e Violência (ECGV), em Bristol (27-29 de junho de 2018), Seminário sobre Prevenção da Violência Sexualizada na Escola e Universidade, em Lisboa (26 de novembro de 2018), Conferência Internacional Mulheres, Mundos do Trabalho e Cidadania - Olhares Diferentes, Outras Perspectivas, em Lisboa (6-7 de dezembro de 2018); Feminism in Schools Conference, Reino Unido (17 de novembro de 2018); Seminário sobre a aplicação da Estratégia 2018-2023 do Conselho da Europa para a Igualdade de Género, pelo NCPE (4 de outubro de 2018), e a mesa redonda do Ministério dos Assuntos Sociais da Eslovénia sobre a VAWG (23 de novembro de 2018); Todos esses eventos estão em sites de acesso público.
- f) As audiências públicas foram alcançadas nos Seminários Nacionais, nos quatro países, e no Seminário Internacional sobre AS e VS (ver <http://www.bystanders.eu/news-and-dissemination/>)
- g) Um público mais amplo foi e continua a ser atingido pelo site internacional (<http://www.bystanders.eu/about/>) e o website da PT-FPCEUP em Português e Inglês (https://www.fpce.up.pt/love_fear_power/bystanders/bystanders_en.html) onde



todas as actividades de divulgação e documentos públicos são amplamente acessíveis; além disso, notícias na mídia também são descritas e listadas nos produtos da WS4, incluindo notícias em jornais de TV, jornais, rádio; Além disso, o facebook foi e será usado para divulgar as atividades do Projeto (https://www.facebook.com/pg/Bystanders-358419457931787/posts/?ref=page_internal) e em Português **16** (<https://www.facebook.com/UMAR.Assedio/>), nomeadamente com os documentos públicos finais; Estas plataformas, quando utilizadas cautelosamente, são uma maneira importante de disseminar atividades e ideias para desafiar a cultura patriarcal.

A integração da igualdade entre mulheres e homens foi a espinha dorsal do Projeto, presente em todas as atividades. Primeiro, o Projeto utilizou uma abordagem integrada na escola (WSA), isto é, trabalhando com todos os atores nas escolas, como alunas/os, professoras/es, outros/as profissionais da escola, as direções dos agrupamentos, famílias e decisoras/es de políticas educacionais locais, por exemplo, os municípios. Não apenas as atividades implementadas mas também a estratégia de disseminação direcionaram esses atores para promover mudanças vis-à-vis o AS. A incorporação da perspectiva de gênero foi, também, alcançada fornecendo ferramentas manuais e pedagógicas para implementar o Programa Speak Up / Speak Out, um manual de formação que inclui sessões com alunos e com professores/as e outras profissionais das escolas. Nas escolas em que o Projeto Bystanders implementou as atividades, uma equipa de professores/as comprometeu-se a continuar o trabalho, e isso também é uma mudança sustentável, devido aos potenciais efeitos multiplicadores das atividades de ensino com idades mais jovens. A equipa internacional foi muito cautelosa sobre quais atividades seriam implementadas nas escolas para serem sensíveis ao contexto: cada equipa elaborou um documento de contexto nacional sobre AS e sobre as estruturas organizacionais e curriculares do sistema educacional e implementou uma pesquisa de auditoria usando a metodologia dos GDF. Compreender as representações sociais dos estudantes sobre a AS e a cultura mais ampla sobre o tema. A equipa também é multidisciplinar, variando de sociologia, psicologia, educação, trabalho social e estudos de políticas; quase todos têm pesquisas e / ou intervenções relevantes e publicadas na prevenção da violência de gênero, algumas especificamente sobre HS. A equipa também foi muito bem-sucedida em unir pesquisa e intervenção em cada país - articulando as atividades entre pesquisadores e profissionais e ativistas em ONGs. Além disso, o Projeto produziu conhecimento contextualizado, a saber, o relatório do país e a análise comparativa, que estão disponíveis nos sites do Projeto, de acesso público. A equipa internacional é, também, um grupo



misto com mulheres e homens.

Outro princípio fundamental da nossa intervenção / pesquisa foi (e é) garantir cuidadosamente os direitos das crianças. Todas as atividades planejadas e implementadas seguiam os requisitos éticos - de acordo com as normas de cada país, essas exigências variavam de autorização do Ministério

da Educação, autorização do Conselho Escolar, consentimento informado assinado pelos pais, 17

consentimento informado dos alunos, a procedimentos práticos para assegurar o anonimato e confidencialidade de todos os participantes. e das escolas. O cuidado com os direitos da criança também está presente nas atividades pedagógicas implementadas e visíveis no Manual e nos materiais didáticos, onde o respeito mútuo e a cultura não violenta estão presentes. Os direitos

das crianças também são parte integrante do Projeto, na medida em que as atividades implementadas visam a diminuir uma forma de violência contra meninas com alta incidência e taxas prevalentes e com graves consequências para as meninas e consequências do desenvolvimento humano para os meninos. O objetivo final do Projeto é aumentar o bem-estar das crianças e adolescentes, neste caso, especialmente as meninas que são as mais afetadas pelo AS.

Além de respeitar os Direitos da Criança, o Projeto gerenciou cautelosamente as atividades de intervenção e pesquisa, garantindo todos os procedimentos éticos, não apenas com as/os jovens, mas também com as/os participantes adultas/os. O anonimato e a confidencialidade de todos os participantes e escolas foram garantidos e o respeito pelas opiniões e ritmos de cada pessoa esteve presente em todas as atividades e está explícito no Manual Speak U / Speak Out.

7. Procedimentos éticos

Todos os procedimentos éticos foram seguidos através do desenvolvimento do Projeto: cada equipa obteve aprovação ética no âmbito de seus países / instituições. Anonimato e confidencialidade dos participantes, escolas e cidades foram garantidos em todas as equipas. Questões éticas foram consideradas e abordadas durante todo o projeto, dada a sensibilidade do assunto e a idade dos alunos.

Solicitou-se aos alunos e seus pais / responsáveis legais que lessem e assinassem um termo de consentimento para participar, o qual era acompanhado de uma ficha informativa que explicava o projeto, o que estávamos pedindo a eles. Cada equipa tinha facilitadoras/es com experiência em trabalhar com jovens em temas de violência sexual e sexualidade. Elas e eles trabalharam de acordo com as suas regras éticas e os negociaram com cada escola e cada turma, antes do início



da intervenção. Cada equipa tinha um procedimento para o que fariam se houvesse revelações durante as sessões, se um/a aluna/o se sentisse desconfortável e precisasse de sair.

No início da intervenção, as/os facilitadoras/es destacaram a importância de respeitar a confidencialidade do processo do grupo e solicitaram o compromisso das/os participantes de não divulgar qualquer conteúdo pessoal fora dos grupos. Um acordo de turma foi criado na primeira 18 sessão e foi reintroduzido no início de cada sessão.

Um dilema ético surgiu durante o projeto: o projeto previa um vídeo elaborado com as/os jovens. Percebemos que isso podia ser problemático, já que seria virtualmente impossível proteger o anonimato delas/es. Isso foi substituído por uma animação usando vozes de atores/rizes.

Nos eventos públicos, tivemos o cuidado de apenas recorrer a atividades e resultados do Projeto e não discutir situações específicas de vitimização que haviam sido levantadas nas sessões. As/Os alunos/as que participaram dos Seminários Nacionais foram acompanhados por professores/as e outras/os profissionais, para que houvesse apoio disponível caso precisassem.

8. Avaliação

A avaliação é um esforço crucial se profissionais e ativistas quiserem conhecer a eficácia de nossa prática. Em Bystanders Project, a avaliação interna foi realizada em três dimensões:

- 1) Avaliação quantitativa e qualitativa do Programa de Formação Speak Up / Speak Out com pré e pós questionários das sessões de intervenção, tanto com alunas/os e como com docentes e outras/os profissionais da escola, bem como diários de implementação com notas de campo sobre as sessões implementadas;
- 2) Avaliação de seguimento após três meses de implementação para avaliar o aumento o conhecimento, a consciencialização e a mudanças nos sentimentos e atitudes em relação ao AS;
- 3) Uma análise comparativa sobre a eficácia da implementação da intervenção do Projeto; Essa démarche foi fundamental para entender o que funcionou melhor e as dificuldades enfrentadas na implementação do Programa de formação nas escolas.

As conclusões desta avaliação são expressas no documento comparativo de onde extraímos os parágrafos seguintes.

“Reconhecimento do assédio sexual

Houve movimento em termos de reconhecimento e conscientização entre alguns funcionários e



alguns alunos, mas isso não foi consistente nem nas escolas nem nos quatro países. Em várias escolas, a frequência das/os profissionais não docentes não foi consistente nas duas sessões, o que significa que o mesmo terreno teve que ser coberto duas vezes. Nos quatro países, percebemos que o entendimento das pessoas acerca do AS, do sexismo e da desigualdade de gênero era, na

melhor das hipóteses, básico, com algumas exceções notáveis. Uma das principais aprendizagens **19** do

Projeto consistiu no facto de que os contextos escolares são também espaços em que o assédio sexual é normalizado e tolerado, o que, por sua vez, significa que as/os professores/as atribuem uma gama considerável de justificações para esses comportamento e não desenvolveram habilidades e conhecimentos, nem existe uma estrutura institucional de apoio, a fim de intervir e criar mudanças.

Que tão pouca atenção é dada às condições em que as meninas aprendem é motivo de grande preocupação, dado que a Agência dos Direitos Fundamentais (FRA) da UE considerou o assédio sexual a forma mais comum de violência contra mulheres e meninas. A nossa reflexão aqui é que qualquer uso futuro dos materiais Speak Up / Out precisará investir mais tempo e recursos no trabalho com as equipas antes de implementar a intervenção com as/os jovens.

Mudanças de atitudes e comportamentos

A maioria das/os estudantes, com exceção de alguns grupos de meninos resistentes em dois países, queria fazer parte da mudança cultural e social em relação ao AS. Muitos grupos de meninas atestaram o fato de que este era um evento cotidiano que eles experimentaram ou testemunharam. O conteúdo do Programa incentivou e permitiu que as/os alunos/as questionassem os comportamentos tomados como certos e explorassem os impactos que podem ter sobre as pessoas sujeitas a assédio sexual. Embora o exercício de dramatização significasse que as/os alunos/as pudessem praticar várias maneiras de se tornarem espectadores/as ativos/as, era necessário ter mais tempo para ensaiar e incorporar isso dentro de uma sessão e mais amplo do que isso para toda a escola. Nas escolas em que as/os jovens acreditavam pouco nas/os professoras/es - por uma série de razões diferentes nos quatro países - os espaços em que eles poderiam fazer a mudança estavam (estão) muito diminuídos. O que pudemos mostrar, no entanto, foi que havia um grande interesse para debater em grupo e em continuar o que o Programa gerou. Isto constitui motivo para acreditar que as mudanças entre as/os jovens serão mais permanentes.



Ação das escolas

Temos notado, em outros lugares para além dos contextos educativos formais, que as ações específicas realizadas por algumas escolas se estenderam para outros contextos, por exemplo, para a população do concelho, como um resultado direto do envolvimento das/os participantes do Projeto. Aqui, refletimos sobre por que essa parte do projeto foi a mais desafiadora de implementar. O facto de que nem uma única escola nos quatro países tinha qualquer política de prevenção do assédio sexual, e nenhum/a professor/a se conseguia lembrar de qualquer formação sobre como lidar com este problema, constituiu outra reflexão sobre a limitada (quase nula) atenção à questão por parte das escolas, e uma falha em assumir a responsabilidade pelo facto de que as escolas são um contexto propício no qual o assédio sexual é uma experiência cotidiana para as meninas. Este não era, portanto, um campo fértil, no qual as sementes plantadas pelos Observadores do Projeto pudessem prosperar e crescer. Houve um apoio limitado das equipas de direção dos agrupamentos, com muito mais vindo de professores/as comprometidos/as que já haviam reconhecido o problema. Sem o apoio de líderes políticos/as e escolares, no entanto, a sua influência tem limites.

Uma mudança que ficou evidente entre professores/as e alunas/os foi a maneira pela qual a intervenção exigia que elas/es pensassem sobre as vítimas de assédio sexual. As primeiras considerações sobre o que poderia / deveria ser feito tendiam a se concentrar no assediador, deixando as vítimas sem apoio e potencialmente sujeitas à exclusão social, se tivessem feito reportado.

Encontrámos, ainda, um sentimento de fatalismo entre muitos/as estudantes e profissionais de algumas escolas, que continuam a considerar que o AS é tão endémico que tudo o que era possível era responder aos comportamentos mais evidentes e prejudiciais através de políticas de intimidação.

Não somos fatalistas, sabemos que nossos materiais são envolventes e permitem que os alunos façam perguntas e obtenham novos insights e conclusões. Para isso, mudar para o nível institucional exigiu mais tempo e recursos do que os disponíveis através deste projeto, mas agora sabemos que inserir os aprendizados em uma cultura escolar requer: formação específica para docentes; trabalhar por mais tempo nas escolas; construir apoio para o projeto nas equipas de liderança da escola e oferecer políticas de modelo que possam ser adaptadas por funcionários e



alunos em locais específicos.”⁶

Finalmente, é importante afirmar que o Programa Speak up / Speak out está sendo replicado em outros países. Uma replicação foi realizada por uma estudante de doutoramento no Brasil que possivelmente será finalizado em 2020.

Conclusões e recomendações

A principal conclusão dos observadores do projeto é que o plano inicial foi muito bem preparado, muito desafiador, mas ao mesmo tempo muito realista, portanto a equipa internacional foi capaz de implementar todas as atividades previstas e alcançou resultados muito positivos em relação aos objetivos que definimos para nós mesmos, conforme descrito em outras secções deste relatório.

Algumas das atividades previstas foram consideradas não aplicáveis ou não úteis, e foi a decisão coletiva da equipa. É nossa opinião que esta decisão coletiva significa que as reflexões são mais propensas a informar o uso futuro dos materiais produzidos.

No entanto, para uma boa implementação e uma boa disseminação, existem outros produtos ou resultados mais extensos que não foram previstos e foram elaborados pelo Projeto, como as atividades de disseminação em vários eventos académicos e outros eventos públicos, publicações e redes sociais.

A principal recomendação para a Comissão Europeia seria a importância de repetir uma chamada específica para projetos e propostas sobre assédio sexual. Essa é a forma mais prevalente de violência contra mulheres e meninas, como mostra a pesquisa da FRA (2014), e uma das mais normalizadas. Chamadas específicas podem construir uma base de conhecimento mais forte e mais profunda.

Também seria importante que a FRA ou outra agência pudesse repetir o estudo da VAW ou desenvolver especificamente um novo estudo sobre o assédio sexual, incluindo jovens e adolescentes em idade escolar e on-line. Acreditamos que, com a contribuição desses projetos específicos, com a contribuição dos movimentos sociais contra o assédio sexual e promovendo a sua denúncia e, finalmente, com a contribuição da criação de políticas legais de prevenção d AS (como a convenção de Istambul e GREVIO), a denúncia de situações de AS pode ser mais significativa, evidenciando que as vítimas estão, cada vez mais, a reconhecer o problema e a

⁶ <http://www.bystanders.eu/comparative-paper/>



acreditar que podem ter ajuda e procurar apoio. Assim, talvez a sua normalização venha a ser, crescentemente, reduzida.

A nossa experiência também nos leva a sugerir que as escolas são um contexto propício no qual o sexismo e o assédio sexual são parte da recriação da desigualdade de género. A Comissão Europeia **22** deve considerar se a integração de género teve a consequência não intencional de criar uma complacência sobre essas questões, uma vez que em nenhum dos quatro países essas questões eram prioridades nas escolas. Submergir a prevenção do AS em políticas genéricas de combate ao bullying, como era o caso em todos os quatro países, significa que raramente é abordado diretamente, e as respostas podem ser inadequadas.

Por isso, outra recomendação para a Comissão Europeia é formular recomendações para a escola, que deve integrar conteúdos explícitos sobre prevenção da violência sexual e de género, bem como do AS, de maneira pedagógica e apropriada ao nível de desenvolvimento das crianças e adolescentes. A maioria dos países inclui a igualdade de género nos currículos escolares, mas não é suficiente. Violência sexual, de género ou AS não são explícitas em muitos deles. Tais comportamentos e tal cultura continuam a ser reproduzidos por um currículo oculto (Giroux, 1983) e a Comissão Europeia deve enfatizar que essas formas de violência são prejudiciais para as crianças e jovens e devem ser abordadas nos currículos.

Além disso, sugerimos também que a Comissão Europeia recomende aos Estados membros da UE que promovam pesquisas nacionais sobre políticas educacionais sobre prevenção da violência de género; bem como recomendar pesquisas sobre políticas educacionais para prevenir AS a nível europeu.

Também sugerimos que o GREVIO inclua a monitorização do trabalho de prevenção primária nas escolas, em todas as formas cobertas pela Convenção de Istambul, o que significa também o AS. A Comissão Europeia também pode recomendar aos Estados-Membros da UE que abram Projetos nacionais de financiamento para projetos específicos sobre VAWG, nomeadamente AS. As chamadas poderiam fomentar projetos de intervenção a nível nacional, combatendo e evitando o AS, e principalmente desnormalizando essa forma de violência.

A Comissão Europeia deve também reforçar as campanhas de CE sobre violência sexual e AS contra menores, reforçando que não há motivo para consentimento naquelas idades mais jovens, e que cuidadores/as adultos/as como professores/as e outros profissionais que trabalham com crianças e adolescentes devem prepará-los para falar com uma pessoa (adulta) significativa e confiável e preparar adolescentes e jovens sobre como ser assertivo acerca dos seus limites pessoais, físicos



e emocionais. Com a experiência do Projeto Bystanders, uma maneira eficaz de fazer este trabalho é capacitar as/os espectadores/as a agir e falar contra o AS, na medida em que criará cada vez mais uma cultura da inaceitabilidade do AS e de outras formas de violência.

Referências:

- FRA - European Union Agency for Fundamental Rights (2014) *Violence against women: an EU-wide survey - Main Results*, Luxembourg: Publications Office of the European Union.
- Council of Europe Convention on Preventing and Combating Violence Against Women and Domestic Violence (2011). *Council of Europe*, available on: <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=090000168046031c>, accessed in 30th November 2016.
- Giroux, Henri (1983) "Teoria Crítica e Resistência em Educação" in *Para Além das Teorias de Reprodução*, Petrópolis: Vozes, pp 15-63.